

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 9, O Problema do Mal

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 9, O Problema do Mal.

Certo, falamos sobre uma série de evidências e argumentos para a crença teísta.

Agora, vamos falar sobre a objeção ou crítica mais significativa da crença teísta, que é o problema do mal. O que veio a ser conhecido como o problema clássico do mal, como uma objeção filosófica, foi primeiramente articulado pelo antigo filósofo Epicuro no século III ou IV a.C. O problema ou a objeção realmente pode ser colocado na forma de uma pergunta, e é, como a existência de um Deus bom, todo-poderoso e onisciente pode ser reconciliada com a realidade do mal no mundo?

Então, vamos começar apenas observando uma definição padrão do mal. Ela remonta a Agostinho, e é, o mal é uma privação da bondade ou privação do ser. É uma falta de bondade. E esta é, até hoje, eu acho que a definição predominante do mal, pelo menos entre aqueles nas tradições teístas.

E outras definições que ouvi acabam sendo variações dessa definição. Sou amigo do filósofo cristão Doug Geivett . Estávamos falando sobre o problema do mal em um ponto, e ele expressou alguma insatisfação com a definição agostiniana do mal.

Eu disse, bem, como você definiria o mal? Ele disse que eu o defino como um afastamento do modo como as coisas deveriam ser. Ao refletir sobre isso, percebi que é uma espécie de variação do tema agostiniano ali, definindo o mal em termos de falta de bondade. Neste caso, entendo como uma falha em se conformar com o modo como as coisas deveriam ser.

Mas com essa definição geral do mal em mãos, então podemos distinguir entre duas categorias principais do mal ou duas maneiras principais diferentes nas quais experimentamos privações de bondade ou falta de bondade. Uma delas é o mal natural, e esse é o mal que resulta de eventos naturais como furacões, fomes, cânceres, todos os tipos de doenças infecciosas e defeitos congênitos. Todos esses seriam exemplos de mal natural.

E então você tem o mal moral, que é o mal que resulta das escolhas de seres livres, certo? Estupro, assassinato, mentira e roubo. Esses são todos males morais. Então, seja mal natural ou mal moral, estamos falando sobre desvios da maneira como as coisas deveriam ser.

Estamos falando sobre privações de bondade, mas elas vêm em diferentes formas. Então você tem o mal natural e o mal moral. Um grande teólogo dos últimos 30-40 anos é um filósofo chamado William Rowe.

Ele lecionou na Universidade Purdue por muitos anos, e escreveu um artigo há várias décadas que se tornou amplamente antologizado, onde ele argumenta que o ateísmo é racionalmente justificado porque, ou uma das principais razões para o ateísmo ser racionalmente justificável é por causa desse problema do mal, que ele apresenta em um argumento formal que é o seguinte. Que existem casos de sofrimento intenso que um ser onipotente e onisciente poderia ter prevenido sem, com isso, perder algum bem maior ou permitir algum mal igualmente ruim ou pior. Observe que ele está aqui se concentrando no mal natural.

Em segundo lugar, um ser onisciente, santo e bom impediria a ocorrência de qualquer sofrimento intenso que pudesse, a menos que não pudesse fazê-lo sem, com isso, perder algum bem maior ou permitir algum mal igualmente ruim ou pior. Portanto, um ser onipotente, onisciente, santo e bom não existe. Então esse é o argumento de Rowe contra o teísmo baseado no mal.

Ele observa que a segunda premissa é uma que tanto teístas quanto ateus irão afirmar, certo? Seja você ateu ou teísta, você deve acreditar que um ser onisciente, santo e bom evitaria a ocorrência de qualquer sofrimento intenso que pudesse, a menos que não pudesse fazê-lo sem perder algum bem maior ou permitir algum mal que seja igualmente ruim ou pior. Então, ele acredita que tanto teístas quanto ateus afirmariam a primeira premissa, que existem instâncias de sofrimento intenso que um ser onipotente e onisciente poderia ter evitado sem, com isso, perder algum bem maior ou permitir algum mal igualmente ruim ou pior. Isso é verdade? Por que acreditar nisso? Rowe diz que a experiência humana justifica nossa crença de que existem algumas instâncias de tal sofrimento.

Vamos chamar isso de mal gratuito. Males gratuitos são aqueles que são completamente desnecessários e não contribuem para o bem maior. E ele dá uma ilustração disso se referindo a, digamos, um animal inocente na floresta.

Um jovem cervo é pego em um incêndio florestal e morre uma morte miserável e dolorosa. E sabemos que isso aconteceu porque descobrimos carcaças de animais após incêndios. Que bem isso poderia servir para um animal sofrer tão horrivelmente? Deus não poderia ter evitado isso? Então isso parece um mal gratuito.

Outros filósofos identificaram casos de mal gratuito em eventos humanos onde as pessoas são torturadas e sofrem todos os tipos de destinos horríveis de tal forma que parece impossível explicar isso em termos do poder e da bondade de Deus.

Então, há duas maneiras de atacar ou tentar criticar o argumento de Rowe que ele identifica. Uma é o que ele chama de ataque direto, que seria rejeitar essa primeira premissa e fazê-lo mostrando que, veja, há certos bens que podem advir como resultado de algum evento horrível, seja a queima de um cervo ou o sofrimento de uma criança inocente.

A resposta de Rowe aqui é que a tradição teísta supostamente concede que a vida é tal que não podemos conhecer todos os propósitos de Deus no mundo. Então, se o teísta está tentando fornecer uma explicação para todo e qualquer mal, isso parece ir contra a essência da tradição teísta e seu julgamento, que deveria permitir o mistério. Mas seria ilegítimo da parte dele algemar o teísta em sua resposta ao problema do mal com base nisso.

Só porque admitimos mistério não significa que seja inapropriado tentar identificar bens potenciais que poderiam resultar de situações malignas ou dolorosas. Outra maneira de criticar seu argumento, ele observa, é o que ele chama de ataque indireto, e isso seria afirmar a segunda premissa e negar a conclusão de que não há Deus, e então, portanto, concluir, não, há um Deus que é todo-poderoso, que é todo bom, que é onisciente. O que se seguiria disso, já que é um argumento válido, é que essa primeira premissa deve ser falsa.

E essa seria uma abordagem, eu acho, que a maioria dos teístas que eu conheço, a maioria dos cristãos que eu conheço, adotaria a abordagem de dizer, bem, eu não consigo explicar por que aquele cervo seria queimado até a morte, por que Deus permitiria isso ou o sofrimento de crianças pequenas, mas eu sei que Deus é real. E eu sei que ele não permite apenas males gratuitos; ele não permite que sofrimento e eventos horríveis aconteçam sem algum tipo de boa razão, mesmo que eu não consiga identificar qual seja. Mas essa primeira premissa simplesmente não pode ser verdadeira.

A resposta de Rowe é que o teísta pode raciocinar dessa forma, e parece ser o melhor caminho para o teísta, mas tem que haver fundamentos independentes para acreditar em Deus. E quais poderiam ser esses motivos? Ele certamente não é alguém que está confiante de que há evidências independentes para Deus que sejam conclusivas o suficiente para estar confiante de que tal ser existe. Então talvez, no final das contas, tudo se resume a isso.

Que razões independentes temos para acreditar que há um Deus na visão de Rowe? E tenho certeza de que ele também não simpatizava com a ideia de que a crença em Deus é propriamente básica. Então, que posição o ateu deve tomar em relação à racionalidade da posição do teísta? Rowe distingue três opções diferentes. Uma delas é o que ele chama de teísmo hostil, ateísmo hostil.

E essa é a visão de que ninguém está racionalmente justificado em acreditar que o Deus teísta existe. Isso certamente caracterizaria a visão dos novos ateus sobre os quais falamos. Acho que Dennett, Dawkins, Harris e Hitchens seriam todos ateus hostis.

Novamente, por esse significado, é, você sabe, a visão de que ninguém jamais seria racionalmente justificado em acreditar em Deus. Mas você poderia ser um ateu indiferente e sustentar que pode ou não ser racionalmente justificável ser um teísta, basicamente não tomar uma posição sobre essa questão. Ou alguém poderia ser um ateu amigável, e essa é a visão de que o teísta poderia ser racionalmente justificado em sua crença na existência de Deus, apesar, você sabe, do fato de que eles consideram um fato que não há Deus.

A ideia aqui é que uma pessoa pode justificadamente acreditar em algo que é falso. É possível manter racionalmente uma crença que é falsa só porque a evidência ou o mundo podem ser construídos de uma forma, você sabe, coerentemente com alguma justificativa que, você sabe, é falsa. Então ele dá o exemplo de um cara que está em um jato comercial que cai no oceano.

E quando a notícia se espalha, eles não encontram sobreviventes. É noticiado nas notícias, e, você sabe, todos são presumidos mortos. Mas esse indivíduo sobreviveu ao acidente, e ele está boiando para cima e para baixo na água no meio do Pacífico, e seus pensamentos vão para seus familiares e amigos, que ele sabe que acreditam que ele está morto.

E eles estão racionalmente justificados em acreditar que ele está morto. Quantas pessoas sobreviveriam a um acidente de avião no meio do oceano? Então seria uma crença falsa, mas racional, de que ele, assim como todos os outros, estava morto, embora houvesse pelo menos um sobrevivente. Podemos pensar em outros exemplos de falsas crenças racionais.

Olhamos para as crenças do passado sobre tudo, desde a natureza da Terra, ou quantos planetas acreditava-se que havia no passado antes que a tecnologia que temos nos permitisse espiar os confins do nosso sistema solar e descobrir planetas como Netuno, Urano e Plutão. Eu ainda acredito que Plutão é um planeta, mesmo que tenha sido desqualificado. Mas não havia capacidade tecnológica naqueles dias para descobrir tais planetas.

Então, as pessoas eram racionais em sua crença de que havia apenas cinco, seis ou sete planetas em nosso sistema solar, mesmo que essa crença fosse falsa. Então essa é a ideia de Rowe aqui, e é por isso que ele se consideraria um ateu amigável a esse respeito, sustentando que, sim, vocês teístas estão errados. Não há Deus, mas você ainda pode manter sua crença racionalmente, dependendo de uma série de fatores.

Isso levanta uma questão interessante, que é: se você fosse um teísta, você seria um teísta amigável ou hostil? Você acredita que alguém pode ter uma perspectiva ateuísta de forma racional? Se sim, então você seria um teísta amigável se você não acha que pode ser uma crença racional que faz de você um teísta hostil por essa terminologia. Então, de qualquer forma, essa é a conclusão de Rowe. Temos boas razões para acreditar que não há Deus por causa do problema do mal, mas aqueles que são teístas ainda poderiam potencialmente manter sua visão racionalmente, mesmo que ele esteja convencido de que não há Deus.

William Alston, o falecido grande epistemólogo cristão, respondeu ao argumento de Rowe e defendeu a tese de que o argumento de Rowe é falho porque a primeira premissa é questionável e, de fato, indefensável por causa dos limites do entendimento humano. Alston lidou com uma série de questões como essa, meio que destacando nossos limites epistêmicos como uma forma de, ironicamente, reforçar a confiança em nossas crenças religiosas como cristãos. Mas Alston critica a primeira premissa de Rowe, que é, lembre-se, que existem casos de sofrimento que um ser onipotente e onisciente poderia ter prevenido sem, com isso, perder algum bem maior ou permitir algum mal que é igualmente ruim ou pior.

Alston diz que não temos justificativa para aceitar essa premissa. Bem, por que não? Ele diz, e isso é uma citação dele, que a magnitude ou complexidade da questão é tal que nossos poderes, acesso a dados e assim por diante, são radicalmente insuficientes para fornecer garantia suficiente para aceitar essa premissa. Então, não temos a capacidade de investigar a situação tão completamente, não apenas fisicamente, mas metafisicamente e moralmente, que simplesmente não podemos estar confiantes de que existem tais casos de sofrimento que um ser onipotente e onisciente poderia ter prevenido sem perder algum bem maior ou permitir algum mal que seja tão ruim ou pior.

E ele observa que o caso para a premissa, ou a noção de que há esses males verdadeiramente gratuitos, depende de uma inferência básica. É uma inferência muito simples que ele identifica aqui, e é basicamente isso: até onde eu posso dizer, P é o caso. Portanto, P é o caso.

Agora, isso é algo que todos nós fazemos, teístas, ateus e agnósticos, que se fôssemos mais cuidadosos epistemicamente, não faríamos tanto. Em muitos casos, é relativamente inofensivo. Você sabe, as pessoas entram em debates sobre, você sabe, times esportivos, certo, ou jogadores.

Parece-me que, sabe, Tom Brady é o maior quarterback que já jogou. Parece a outra pessoa que, sabe, Peyton Manning ou Drew Brees ou John Elway é o maior quarterback de todos os tempos. Até onde eu sei, esse é o caso.

E então a outra pessoa diz, bem, até onde eu posso dizer, então cada um está confiante de que sua visão está correta. Mas só porque parece assim para você, ou até onde você pode dizer, e sua exposição limitada à evidência como um historiador de futebol de poltrona, você sabe, certamente não significa que sua visão esteja correta. Então, todos nós precisamos de mais humildade epistêmica.

Mas nesses casos, é relativamente inofensivo. Mas quando você está falando sobre uma questão tão grande e importante quanto a existência ou não existência de Deus, precisamos ser muito cuidadosos aqui. Há muita coisa em jogo em nossa conclusão.

Ele diz que a razão pela qual isso é frequentemente uma inferência tênue é que, como ele coloca, para ser justificado em tal afirmação, é preciso ser justificado em excluir todas as possibilidades vivas para o que a afirmação nega existir. Então, que explicações potenciais podem haver para o porquê de Deus permitir um sofrimento tão intenso que parece gratuito? Essa é a questão. Ao tentar explicar a existência do mal no mundo, seja sofrimento intenso ou imoralidade, quando alguém teoriza que, hmm, talvez essa seja a razão pela qual Deus permite isso, está oferecendo o que é chamado de teodiceia.

Uma teodiceia é uma tentativa de identificar as razões de Deus para permitir o mal. Quais podem ser as razões de Deus para permitir o mal? Quando você cria uma teoria que, você sabe, tenta explicar isso, você está fazendo teodiceia. Então, Alston analisa algumas das principais teodiceias, não todas, mas algumas das mais significativas, para mostrar que, pelo que sabemos, talvez, você sabe, uma teodiceia em particular forneça uma explicação aqui, mesmo que não pareça à primeira vista.

Uma delas é a teodiceia da punição, que afirma que Deus permite certas formas de sofrimento como punição pelo pecado, talvez às vezes para reformar a pessoa que sofre. Agora, isso pode não se aplicar ao pequeno Bambi na floresta, certo? Não há nada que o pequeno cervo tenha que se arrepender, mas pode se aplicar a todos os tipos de situações dolorosas em que os seres humanos se encontram. E muitas vezes é difícil, se não impossível, dizer, em um determinado caso, se uma pessoa pode estar sofrendo precisamente porque Deus quer reformar essa pessoa ou apenas sofrendo a disciplina de Deus porque ela foi tão imoral em algum contexto ou outro que, você sabe, ela está meio que pagando por isso.

Certamente, há formas de conduta que têm o que chamamos de consequências naturais que são dolorosas e difíceis, que Deus meio que teceu no tecido do universo, ou pelo menos em nossa biologia. Por exemplo, se você é serial, digamos, se você é sexualmente promíscuo e se envolve em atividades sexuais com muitos parceiros diferentes por um longo período de tempo, eventualmente é provável que você pegue algum tipo de doença venérea, doença sexualmente transmissível. Então você está sofrendo por causa de sua promiscuidade, que, mesmo que não fosse o decreto específico de Deus naquele caso que você pegaria essa doença venérea, ele

construiu o mundo, e nossos sistemas são biologicamente tais que isso tenderia a ser o resultado.

Alguém poderia dizer, sim, você está sendo punido ou disciplinado por seu pecado, e assim por diante. Pessoas que são mentirosas patológicas eventualmente pagam por isso. Pessoas que, você sabe, adquirem o hábito de roubar ou o que quer que seja, eventualmente pagam por isso.

Ninguém escapa de nada, realmente, de acordo com uma perspectiva teísta. Mas neste mundo, quando as pessoas sofrem, a ideia é que pelo menos às vezes elas estão sendo punidas ou disciplinadas por seus crimes morais. Mas estamos, como Alston observa, frequentemente em uma posição ruim para avaliar a extensão da pecaminosidade de uma determinada pessoa ou a extensão em que o sofrimento por meio da punição pode ter um efeito reformador.

Simplesmente não temos informações suficientes para fazer julgamentos qualificados na maioria dos casos. Muitas vezes, mesmo em nosso próprio caso, você sabe, nos perguntamos, estou sofrendo agora por causa de uma disciplina divina, ou é apenas, você sabe, estou passando por um golpe de má sorte, ou talvez eu esteja sendo perseguido precisamente porque fui justo em uma situação. Existe algo como sofrimento justo, e isso pode ser muito difícil de resolver.

O ponto de Alston se aplica aqui também, que estamos em uma posição muito comprometida e epistêmica. Temos apenas alguns fatos, e podemos interpretá-los, você sabe, incorretamente às vezes. Então, é realmente uma espécie de dose de torta de humildade, certo, que precisamos reconhecer isso.

E neste contexto, ao fazer julgamentos sobre, você sabe, a existência ou não existência de Deus por causa da realidade do mal neste mundo, isto é, Alston diria, isso é estar muito mais confiante nas libertações da razão e do conhecimento humanos do que deveríamos estar. Outra teodiceia é a chamada teodiceia da criação da alma, que diz que Deus permite o sofrimento para desenvolver bons traços de caráter em nós e, finalmente, construir um relacionamento amoroso conosco pela eternidade. Somos capazes de identificar todos os tipos de casos em que um determinado indivíduo cresce significativamente por meio do sofrimento e da dificuldade em nossas próprias vidas.

Podemos apontar casos em que crescemos significativamente moralmente. Talvez tenhamos nos tornado mais sérios em nossa fé, mais sérios sobre nossos relacionamentos com as pessoas e como as tratamos por causa das coisas que sofremos. Então, você sabe, o slogan da Nike, você vê em adesivos de para-choque: sem dor, sem ganho, certo? Quero dizer, é fundamental para o atletismo, certo? Você se exercita na academia até o ponto em que é doloroso.

Por quê? Para que você possa se beneficiar significativamente. E assim, vale para grande parte da vida humana. Essa é uma ideia básica na teodiceia da criação da alma.

E dizer que, bem, neste caso particular de mal gratuito, não houve benefícios para a pessoa que sofreu. Bem, você simplesmente, não podemos dizer isso. Simplesmente não sabemos com certeza se esse é o caso.

Não somos, como ele observa, juízes confiáveis quanto às atitudes ou caráter interior de outras pessoas, o quanto elas podem ter crescido com isso ou podem crescer no futuro. E nos falta muita informação sobre a vida após a morte. Isso é um eufemismo.

Temos muito pouca informação sobre a vida após a morte e como nossas almas podem continuar a crescer mesmo lá, através do sofrimento que vivenciamos neste mundo. Simplesmente não sabemos. Mas pode ser o caso.

Se você extrapolar do crescimento que vemos nas pessoas neste mundo além desta vida para o próximo mundo, talvez seja algo razoável de se esperar. Uma terceira teodiceia, ou o que os filósofos hoje em dia preferem chamar de defesa, é a defesa do livre-arbítrio, que diz que a ocorrência do mal neste mundo é uma consequência de Deus providenciar a existência do livre-arbítrio humano, o que é necessário para relacionamentos genuínos. Deus queria que os seres humanos pudessem se relacionar livremente uns com os outros e livremente com ele e fossem criaturas moralmente significativas, de modo que pudéssemos ser culpados e moralmente responsáveis por nosso comportamento.

E a única maneira de fazer isso, de acordo com essa visão, é que Deus nos concede uma certa liberdade de vontade. Então talvez isso explique muito do mal, certamente males morais, dos quais as pessoas são culpadas, que foi simplesmente sua escolha mal aconselhada que deu origem a uma experiência dolorosa particular. E não há ninguém para culpar, a não ser a pessoa que fez isso.

E que Deus não os impediu porque não queria interferir no livre arbítrio das pessoas. Então, isso funciona em um caso específico? Bem, talvez. Talvez não.

Mas não podemos, como diz Alston, determinar com segurança o quanto a interferência divina pode derrotar a liberdade humana em um caso particular. Simplesmente não sabemos. Não sabemos quais são os limites se essa defesa do livre-arbítrio está no caminho certo.

Não sabemos quais são os limites para Deus redirecionar um indivíduo para longe de algum mal que ele ou ela esteja planejando. E então, finalmente, há a teodiceia da lei natural, que diz que Deus teve que fazer o mundo de uma forma semelhante à lei

para tornar as circunstâncias da vida razoavelmente previsíveis. O mal natural é uma consequência disso.

Então aqui novamente, estamos falando sobre desastres naturais e mutações genéticas, cânceres, defeitos congênitos e assim por diante, doenças cardíacas, que não são consequências de alguém, digamos, cuidar mal de si mesmo. Algumas pessoas têm doenças cardíacas congênitas. Então por que Deus permitiria isso? Por que Deus permitiria isso, você sabe, furacão? Por que Deus permitiria o deslizamento de terra que matou todas aquelas pessoas e assim por diante? Por que ele não faria o mundo diferente para que essas coisas não acontecessem? Por que ele não faria, digamos, a lei do inverso do quadrado diferente e não a tornaria nem mesmo a lei do inverso do quadrado, mas um tipo muito diferente de lei da natureza, de modo que corpos como o nosso caiam muito mais lentamente, de modo que se você caísse de um prédio de 10 andares, você apenas teria uma concussão, ou talvez quebrasse alguns ossos, isso não o mataria? Por que Deus não poderia ter configurado nossos corpos de forma diferente, de modo que uma queimadura de terceiro grau não resultasse em desfiguração grosseira para toda a vida, mas apenas desfiguração por alguns meses ou a perda de um membro? Por que Deus não fez os humanos como fez os répteis urodela para que pudessem ter membros de volta? Não seria ótimo, sabe, se um amigo seu perdesse uma perna e, em vez de dizer que vai ter uma prótese para lidar com isso, em vez de você dizer que vai ser difícil por três meses, sabe, você tem que esperar a perna crescer novamente e vai ser meio estranho, mas então, sabe, depois de vários meses, você terá sua perna de volta e, sabe, terá que trabalhar a musculatura para que ela combine com sua outra perna.

Não seria ótimo se esse fosse o problema, em vez da perda permanente de membros? Deus não poderia ter feito o corpo humano e as leis que, você sabe, dizem respeito a esse tipo de coisa de forma diferente para que não tivéssemos ferimentos tão permanentes? Alston observa, no entanto, que, pelo que sabemos, há muitas características desejáveis deste mundo que seriam perdidas se Deus fizesse o mundo muito diferente em termos de regularidades semelhantes a leis. Como pensamos sobre esse tipo de coisa isoladamente, é fácil perder, e provavelmente estamos perdendo, as ramificações de um universo que tinha, você sabe, leis muito diferentes a esse respeito. E mesmo se ele apenas fizesse o corpo humano de forma que ele se recuperasse de certos traumas severos mais facilmente, talvez houvesse algo perdido ali que, no final das contas, fosse bom.

Simplesmente não sabemos. Novamente, são os limites da nossa situação epistêmica. Só porque algo parece ser o caso, não significa que definitivamente seja o caso.

Então, acho que as observações de Alston aqui são muito úteis em termos de reforçar a humildade epistêmica quando se trata dessas questões, assim como de muitas outras. Alston conclui observando que também há talvez teodiceias ainda

mais fortes e inimagináveis que poderiam fornecer ainda mais razões para duvidar que existam males verdadeiramente gratuitos. Você sabe, ao longo do curso da história humana, essas outras teodiceias foram concebidas, e houve um tempo em que elas não eram discutidas ou mesmo sonhadas, e bons pensadores, filósofos e teólogos as inventaram.

Quem sabe que teodiceia pode ser concebida nos próximos anos que seja muito mais eficaz para lidar com o problema do mal do que qualquer uma dessas teodiceias que discutimos. Então por que deveríamos acreditar que todas as boas teodiceias foram exploradas? Você sabe, na história da tecnologia, há sempre um tipo de sensação de que, bem, todas as grandes invenções foram inventadas, todas as grandes conquistas tecnológicas foram alcançadas, e então o tempo passa, e você tem mais grandes invenções, e o pensamento de que havíamos atingido o limite da tecnologia humana parece tolo. Acho que algo assim é o mesmo na história da filosofia, onde, sim, parece que esgotamos todas as teorias possíveis, e talvez em um sentido geral, nós temos, mas novas teorias são concebidas, novas variações de velhas teorias que são surpreendentemente inovadoras, que resolvem todos os tipos de problemas.

Nesse sentido, a filosofia, assim como a teologia e outros campos que são mais, digamos, conceituais ou nas humanidades, avançam, mesmo que você não tenha um acordo uniforme entre os acadêmicos na época que você encontra em alguns dos outros campos que são mais empíricos, como as ciências exatas. Então, quem sabe o que pode vir em termos de novas teodiceias que poderiam potencialmente acabar com o problema do mal, e isso é, bem, também reconhecer que algumas dessas teodiceias já são muito poderosas. Eu acho que a defesa do livre-arbítrio, assim como a teologia da criação da alma especialmente, percorrem um longo caminho para neutralizar o problema do mal, mesmo que não o resolvam completamente.

Acho que eles nos dão muitas boas razões para acreditar que este não é um problema devastador para o teísta. Então esse é o problema do mal.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 9, O Problema do Mal.